

Brincando descalças em territórios indígenas brasileiros

Marina Basques Masella

Para começar, tirar os sapatos!

O trabalho com as brincadeiras indígenas aconteceu ao longo de todo ano de 2022 na turma Guató da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Nelson Mandela, situada na Zona Norte da capital paulista. O tema emergiu como efeito do projeto coletivo anual da escola, que foi intitulado *Pisando de pés descalços em território brasileiro*¹ e se voltou ao estudo dos povos originários do nosso país e seus saberes, cosmovisões, histórias, resistências, territorialidades e lutas.

Surgiu com o desejo das professoras de tecer uma aproximação do Projeto Político Pedagógico da unidade com a Lei 11.345/08², com os diversos enfrentamentos vividos pelos povos indígenas do nosso país, especialmente nos quatro últimos anos, com a publicação, em 2019, do documento *Currículo da Cidade: Povos Indígenas* (2019) e após a experiência que vivemos em sociedade com a pandemia de Covid-19, que escancarou a urgência de olharmos com mais profundidade para cosmovisões de grupos, povos e etnias mais conectadas com a coletividade, com o comunitarismo, o bem-viver, a integração com a natureza e a preservação dos ecossistemas.



Registros das escolhas estéticas que passaram a compor os espaços da escola.

¹ Nome que teve como inspiração um texto escrito por Célia Xacriabá (defensora das pautas dos povos tradicionais, a educação, o meio ambiente e a cultura) publicado em sua página no Instagram, *Pensamentos*, em 24 de Novembro de 2019: “Se descalce. Subverter requer colocar nosso corpo e mente em ação, e isso provoca deslocamento, portanto, não há outra alternativa senão a de começar e fazer. Mas como começar? Comece fazendo por algum lugar, antes de qualquer coisa, a única pista que eu daria seria, aprenda a se descalçar dos sapatos que usou para percorrer os caminhos e acessar os conhecimentos teóricos produzidos no centro, mas deixe os pés tocarem no chão no território, esses sapatos que já estarão pequenos e não caberão nos pés coletivos, eles apertarão tanto a nossa mente, que limitarão o acesso ao conhecimento no território do corpo. Deixe a sabedoria chegar, ela tem uma temporalidade diferente da inteligência.”

² Lei que tornou obrigatório o estudo das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras nas escolas.

Cada turma da escola recebeu o nome de uma etnia indígena que habita alguma das cinco regiões do território brasileiro. A turma que eu era professora foi nomeada de Guató, povo localizado principalmente na região pantaneira do sudoeste do Mato Grosso.



Estandartes com os nomes dos povos originários das turmas de 2022.

Recebemos de presente da Família Abayomi³ uma mala e um baú com vários elementos que remetem à cultura dos povos indígenas escolhidos para nomearem as turmas (livros, sementes, cestarias, álbum de fotografias de representantes indígenas, colares, cocares, tecidos, instrumentos musicais, etc.). A partir desses objetos, o grupo Guató iniciou as investigações sobre a etnia. Algumas questões foram levantadas pelas crianças, como: que tipo de casa eles moram? O que eles fazem? O que eles gostam de comer? Do que eles brincam? Eles usam roupas como as nossas? Eles andam de canoa?



Abrindo o baú e a mala enviados pela Família Abayomi.

³ Bonecos em tamanho real nomeado no Projeto Político Pedagógico da escola de “figuras de afeto”. Um recurso pedagógico que traz ludicidade para as situações didáticas.

Para investigar as respostas algumas dessas questões, as crianças levaram uma pesquisa sobre os indígenas guatós para fazerem em casa, junto às famílias. Quando essas pesquisas retornaram, fizemos uma roda de compartilhamento e surgiram muitas falas como: *os guatós são índios. Índios usam arco e flecha; “eu vi que eles usam barcos para nadar no mar e pegar frutas; eles brincam de dançar pelados; eles trançam. Pegam coisinhas de fios nas árvores para fazer cestinhas; eu vi que eles moram num lugar que tem mar e areia. Acho que é na praia e chama Mato Grosso!*



Compartilhando as pesquisas.

As falas despertaram o interesse de fazer novas buscas em livros e pesquisas na internet com a ajuda de tablets. Ouvimos canções, mergulhamos na leitura de histórias e assistimos vários vídeos que nos ajudaram a problematizar alguns imaginários preconceituosos e reducionistas que ainda cercam as etnias indígenas brasileiras e que surgiram nas falas das crianças.

Fomos percebendo ao longo dos meses que existem muitos povos indígenas pelo Brasil, cada qual com um modo de viver diferente na maneira de se vestir, nas moradias, nos grafismos, nas estéticas, nos objetos, nas formas de trabalho, configurações territoriais, de agrupamentos das aldeias etc.

As conversas deram vazão a outras colocações: *a Catarina Guató é a indígena que mora lá nos guatós. Ela faz cestinhas com as plantas que ela pega na água com a canoa. Ela usa roupas tipo a minha vó assim, vestido de bolinha e bolsinha. Ela não tem tatuagem de grafismo igual o Casé.*

Brincando descalças em territórios indígenas brasileiros

Em meados do mês de abril, questionei a turma sobre o que elas acreditavam que as crianças do povo Guató brincavam ou gostavam de brincar: *eles brincam com o bichos; eles brincam de correr; de fazer cabana; de pega-pega e de comidinha e esconde-esconde.*

Essa conversa me fez pensar que seria muito potente se a turma Guató visse imagens que mostrassem crianças indígenas brincando em seus territórios. O vídeo [Projeto Território do Brincar - 3ª Região - Território Indígena Panará, Pará](#) causou enorme surpresa ao virem crianças brincando com fogo. A turma expressou vontade de brincar com água, reconheceu a prática das pinturas corporais, observou que muitas crianças estavam peladas, percebeu a aldeia como território e identificou a brincadeira de peteca.



Assistência ao vídeo.

Brincando de construir casinhas com galhos

Após esse momento, decidimos construir casinhas com galhos, pois a nossa escola tem uma extensa área verde com muitos galhos caídos pelo chão. No dia marcado, uma queda muito brusca de temperatura impediu a brincadeira no gramado, então decidimos tentar fazê-la na própria sala de convivência para ver o que acontecia. As crianças ficaram bravas porque as casinhas não conseguiam se sustentar nas mesas... os galhos escorregavam, elas não paravam em pé e tivemos que usar massinhas para ajudar.



Construção de casinhas com galhos na sala de convivência.

Na semana seguinte, repetimos a brincadeira no gramado e muitos outros recursos naturais foram usados na construção das casinhas, como folhas e pedras.



Construindo casinhas com galhos no gramado.

Corrida de toras

Outra prática que despertou muita curiosidade: *eles correm com um galho gigante nas costas*. Descobrimos que essa prática se chama corrida de toras e que acontece em vários povos

indígenas do Brasil, com diversas configurações e significados. Realizamos a leitura de reportagens, assistimos outros vídeos e descobrimos que a corrida de toras ocorre nas aldeias e foi uma das modalidades dos Jogos Olímpicos Indígenas. Notamos que quando praticada na aldeia, os indígenas escolhem um ponto fora dessa área para iniciar a corrida e se revezam para carregar as toras nos ombros até alcançarem o centro da aldeia. Já nos Jogos Olímpicos, a corrida é feita em uma arena.

Decidimos praticá-la na escola. As crianças notaram que as toras são pintadas com grafismos, bem como os corpos da(o)s indígenas. Após escolher as nossas toras, a primeira coisa que fizemos foi pintá-las com grafismos.



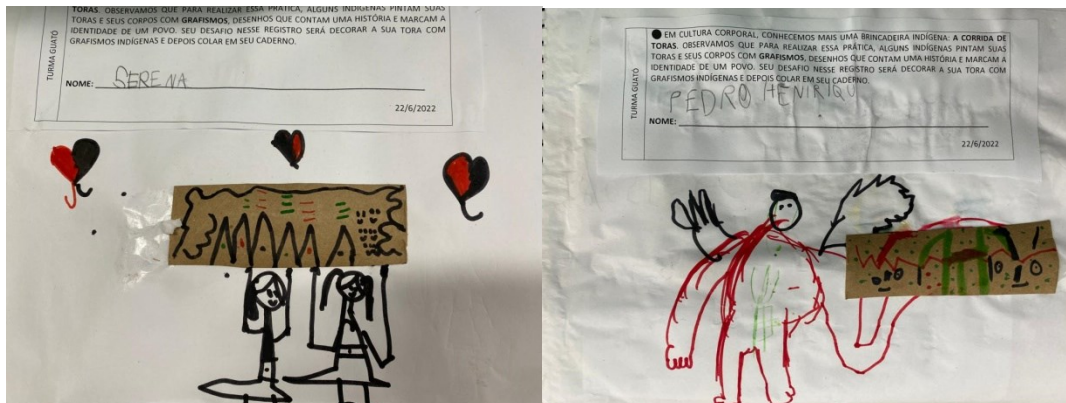
Pintando as toras com grafismos.

As crianças disseram que o parque seria o local adequado porque parecia uma arena. Posicionaram-se em duplas em diversos pontos do parque, correram se revezando e trocando as toras até retornarem ao ponto de partida.



Corrida de toras no parque.

Notei que a corrida de toras era representada em muitos desenhos espontâneos das crianças, então decidi propor que constasse do portfólio individual de cada uma.



Brincadeiras Kalapalo: ijá, emuzi, otó e kopu

A turma *Kalapalo* também estava investigando brincadeiras indígenas. Organizamos conversas conjuntas para intercambiar saberes e recebemos de empréstimo o livro *Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo* de Marina Herrero e Ulysses Fernandes.



Lendo o livro *Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo*.

Com a leitura desse livro, conhecemos primeiramente a brincadeira ijá, que para nós era “pular corda”. Nas imagens, as notamos que *eles sobem a perna muito alto pra pular*. Descobrimos que nossas observações faziam sentido, uma vez que, segundo explicações disponíveis no livro, um dos objetivos da brincadeira é justamente pular a corda tentando subir “o mais alto que puderem as suas pernas”.



Cenas da brincadeira ijá – registro fotográfico feito pelas crianças.

Conhecemos também a brincadeira emuzi, em que uma pessoa faz a função de caçadora, devendo correr para pegar as demais, que são as caças. Para paralisar a caça, ela deve segurá-la e gritar “emuzi”. As crianças disseram que *essa brincadeira parece pega-pega gelo mas fala de outro jeito quando pega*.



Bricando de emuzi na quadra.

Investigando sobre a brincadeira otó, descobrimos que na língua Karib esse nome significa minhoca e que as pessoas que desejam iniciar a brincadeira precisam combinar de invadir a casa de uma família. Ao fazer isso, uma dupla se deita no chão frente a frente e em posição invertida, se segurando pelos tornozelos e rolando no chão pelo interior da casa, imitando uma minhoca.



Bricando de otó com a turma Kalapalo.

Na página no livro que descreve a brincadeira kopu, que conhecemos como peteca, as crianças ficaram muito impressionadas com os materiais naturais utilizados para confeccionar o brinquedo. Quando as crianças ou pessoas adultas no povo Kalapalo finalizam a brincadeira, elas desmontam a kopu e a descartam na natureza. Essa informação gerou estranhamento nas crianças, que disseram que daquele jeito vão “*sujar a floresta*”. Questionei a turma se isso ia mesmo acontecer, uma vez que a peteca era feita apenas com elementos da natureza. Comparamos a relação das crianças Kalapalo com seus brinquedos e pertences com a nossa, uma vez que não descartamos o brinquedo depois de usá-lo para construir outro mais tarde. Do

mesmo modo, as crianças identificaram que os materiais que os nossos brinquedos são em sua maioria de plástico e que eles sim sujariam a natureza caso fossem descartados no ambiente.

Quando perguntei se existiam outros tipos de petecas, uma criança falou que *tem aquela peteca normal*. Quis saber o que seria uma “peteca normal” e ela respondeu que era aquela que *vendia na loja*. Na semana seguinte, retomei essa fala e levei para a turma o vídeo [Território do Brincar - Série de MiniDocs - Brincadeiras com petecas nas diversas regiões do Brasil](#), que mostra meninas e meninos criando petecas de diversas formas com os materiais disponíveis. Perguntei se entre todas aquelas que vimos, uma peteca poderia ser considerada “mais normal” do que a outra e as crianças disseram que não, mas que eram todas muito diferentes. Decidimos, então, criar as nossas próprias petecas com os materiais que tínhamos na escola. Depois, fomos brincar.



Brincando de peteca feita apenas com elementos naturais no gramado com o Gabriel e a Raquel (respectivamente, estagiário da licenciatura de Educação Física e mestranda da Faculdade de Educação) e petecas construídas pelas crianças com os materiais disponíveis na escola.

A canoagem Guató

Em suas pesquisas, as crianças descobriram uma série no Globoplay chamada [Guató: uma remada no tempo](#), que narra a história do casal de atletas Américo e Lena, ao embarcarem em uma longa expedição de *standup paddle* pelo pantanal. Nessa jornada, eles têm a companhia dos indígenas Guató, um povo conhecido por remar em pé em suas canoas feitas de um só tronco há milênios.



Assistindo à série “Guató: uma remada no tempo”.

As crianças mergulharam nessa história e acessaram inúmeras informações sobre a canoagem dos Guató. Decidiram criar um espaço com água no jardim agroecológico da escola para brincar de canoa, utilizando cascas de árvores.



Vivência no lago e presença do Diego com sua maquete sobre a aldeia Guató, na Ilha Ínsua.

Paralelamente, a turma foi presentada com uma maquete confeccionada pelo irmão mais velho de uma das crianças. Diego, que frequentou a escola em anos anteriores, quando convidado pela sua professora do Ensino Fundamental a construir uma maquete sobre moradias, decidiu fazer sobre a aldeia dos Guató, uma vez que sua irmã falava muito sobre nossas pesquisas em casa. Juntamos esses dois acontecimentos e convidamos Diego para estar

conosco, falando sobre a maquete e brincando de canoa no nosso lago. As crianças também produziram obras de arte, misturando fotografia, pintura com aquarela e intervenção em desenho com giz pastel.



Arukaka

Também brincamos de arukaka, uma brincadeira proposta pelo Gabriel, estagiário que nos acompanhou em boa parte do percurso. Ela é praticada pelo povo Trumai e acontece da seguinte maneira: as pessoas se penduram nos galhos das árvores enquanto alguém faz cócegas em quem estiver pendurada, até conseguir fazê-las cair. Como nesse dia estava chovendo, brincamos na quadra e usamos as traves.



Brincando de arukaka na quadra.

Trocas de cartas, saberes e encontro com a escola Ofélia Fonseca

A partir da metade da tematização, começamos a trocar cartas com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental do Colégio Ofélia Fonseca. A professora é minha amiga e soube que estávamos estudando as brincadeiras indígenas. Como Cyndel e sua turma pesquisavam o mesmo assunto, decidimos realizar uma troca de saberes entre as crianças das duas escolas.

A turma Guató relatou para as crianças do 3º ano todas as brincadeiras que já havíamos investigado. Em resposta, nos enviaram um vídeo brincando de heiné kuptisü, uma brincadeira Kalapalo, também conhecida como “corrida do saci”. Também gravamos um vídeo com essa brincadeira e enviamos de volta.



Momento da leitura e elaboração da resposta da primeira carta recebida.

Essa troca de cartas e vídeos culminou num encontro presencial, atividade que também encerrou a tematização. No final do mês de novembro, as crianças do 3º ano do colégio Ofélia, acompanhados pelas professoras Cyndel e Sophia, vieram à EMEI Nelson Mandela para passar uma tarde inteirinha conosco. Brincamos juntas de corrida de toras e uatá e partilhamos um lanche coletivo.



Troca de saberes e brincadeiras de corrida de toras e uatá.